

*Autor com mais de 1,5 milhão de livros vendidos*

**GUSTAVO CERBASI**

# DEZ BONS CONSELHOS DE MEU PAI

QUE ME AJUDARAM MUITO A PROSPERAR



FONTANAR

Autor com mais de 1,5 milhão de livros vendidos

GUSTAVO CERBASI

DEZ BONS  
CONSELHOS  
DE MEU PAI

QUE ME AJUDARAM MUITO A PROSPERAR



GUSTAVO CERBASI

# **Dez bons conselhos de meu pai**

**Que me ajudaram muito a prosperar**



Copyright © 2010 by Gustavo Cerbasi

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP : 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Capa e projeto gráfico de miolo  
Sérgio Campante

Imagem de capa  
Hybrid Images / Getty Images

Revisão  
Claudia Ajuz  
Ana Grillo  
Tamara Sender

Conversão para e-book  
Abreu's System Ltda.

Coordenação de e-book  
Marcelo Xavier



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C391d

Cerbasi, Gustavo

Dez bons conselhos de meu pai [recurso eletrônico] : que me ajudaram muito a prosperar / Gustavo Cerbasi. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

132p. ISBN 978-85-390-0458-4 (recurso eletrônico)

1. Finanças pessoais. 2. Educação financeira. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

13-0131

CDD: 332.024

CDU: 330.567.2

# Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Introdução

Meus quatro pais

Estude - Sem estudo, ninguém chega a lugar algum

Viva - Não permita que o trabalho tome conta de sua vida

Antecipe-se - Invista na carreira e aproveite para aprender agora

Desconfie - Não deixe lhe passarem a perna

Preserve - Cuide do que é seu, para não ter que comprar outro

Simplifique - Não complique, faça-se entender

Aproveite - A riqueza que você tem é maior do que imagina

Coopere - Seja útil ao time

Supere-se - Não importa o que fizer, faça bem-feito. Se possível, melhor do que os outros

Celebre - Valorize suas conquistas e suas riquezas

Como você pode colocar em prática o que aprendi com meu pai e com aqueles que ajudaram meu pai na nobre tarefa de me educar

Considerações finais

Créditos das fotos:

# Dedicatória

Obrigado, pai, pelo que sou. Explico melhor nas páginas seguintes.

# Introdução

Dizem que conselho não se dá, mas sim se vende. Porém, os melhores conselhos que tive na vida não foram pagos, fossem de um consultor, fossem por meio de cursos. Nesses ambientes, aprendi muito, mas os conselhos mais importantes para minha vida, minha carreira e minhas relações pessoais chegaram a mim destituídos de qualquer interesse econômico. Vieram das pessoas que mais amei e amo na vida.

Inicialmente como professor, depois como consultor e então como palestrante, construí uma carreira tendo o aconselhamento como base. Há quem pense que eu cobre por aconselhar, mas não faço isso. Meu trabalho é educar. Quando uma pessoa cursa uma disciplina ou assiste a uma palestra minha, está pagando pela transmissão de conhecimento especializado. Porém, no momento do cafezinho, da conversa descompromissada, da dedicatória nos livros, aparece a oportunidade do papo informal. E aí surge o conselho. Simples, reflexivo, direto, amigo.

Conselhos são bem diferentes do conhecimento. Este último vem da reunião de experiências e aprendizados coletivos, que permitem formar teorias e modelos para solucionar problemas. O aconselhamento vem de experiências pessoais que permitem adaptar as teorias e o conhecimento à realidade de cada um. Em meu trabalho, escrever livros foi um dos caminhos que encontrei para levar conhecimento a mais pessoas. Por adotar a linguagem típica dos livros de autoajuda (uma escolha pessoal para tornar o conteúdo mais acessível), talvez muitos confundam o conhecimento com aconselhamento. Nos livros, o conselho confunde-se com conhecimento quando uma teoria parece se encaixar perfeitamente na realidade de quem lê. Isso, porém, acontece quando o escritor se dirige a um comportamento médio

de uma população, com base em conhecimentos estatísticos. É essa habilidade generalista que procuro desenvolver em meus textos.

Os conselhos que dou não nasceram comigo. Aprendi com a vida, com a experiência, com o trabalho, com as trocas que tive com incontáveis pessoas que passaram por mim ao longo de minha existência. Se hoje vivo de dar conselhos, devo a essas pessoas essa habilidade.

Porém, por mais especial que tenha sido cada pessoa que toquei nos meus 38 anos de vida, há algumas que merecem um crédito especial. Meus pais certamente são as mais importantes. Sem eles, eu não seria o que sou, não teria a educação que tive, não teria as características de caráter que eles moldaram. Não seria o homem pelo qual minha esposa se apaixonou, o pai que aprendi a ser para meus filhos, o homem que zela por valores que não necessariamente podem ser bem-aceitos por todos, mas que são os valores que fazem de mim a pessoa que sou.

Meus pais. A injusta regra gramatical pluraliza e aparentemente diminui o mérito de minha mãe. Mas devo a minha doce, honesta e carinhosa mãe minha referência de como educar filhos. À figura paterna devo outras características, mas essas características são tão complexas quanto meu entendimento do que é um pai para mim. Para fins legais, sociais e familiares, durante todo meu desenvolvimento tive apenas um pai. Mas esse pai se dividiu em várias figuras, em muitos momentos deixando de ser ele mesmo e se tornando outra pessoa. Tommaso Cerbasi, meu pai, sabe disso. E todas as páginas a seguir dedicam-se a explicar o que quero aqui dizer.

Há muitas pessoas que creem que todo o sucesso e fortuna que acumulei em minha carreira precoce se devem ao fato de ter nascido em berço de ouro, ter tido uma educação privilegiada ou ter tido oportunidades que são acessíveis a poucos. Quando comecei a escrever este texto, imaginei que, ao mostrar aos leitores a origem simples de minha família e as dificuldades da vida que me ensinaram lições, provaria o contrário.

Porém, à medida que fui organizando as ideias em uma linha histórica e argumentando sobre os porquês de fatos da vida terem se transformado em conselhos para mim, concluí que realmente nasci sob uma condição de grande riqueza. Não se tratava de riqueza material, mas de riqueza humana, de caráter, de boas intenções e de respeito à ingenuidade de uma criança que nada sabia e que muito tinha a aprender com as experiências dos adultos.

# Meus quatro pais

Meu pai, na verdade, divide-se em quatro pais. Não que meu pai Tommaso não mereça todo o crédito pela minha formação e educação. Sem dúvida, ele é um grande homem, grande pai, excepcional educador, honesto e digno. Na verdade, uma de suas maiores qualidades foi ter a humildade de perceber, ainda cedo, que a rotina de trabalho e a preocupação com fazer o máximo para prover a família lhe tomavam um tempo que seria precioso para apoiar minha mãe na educação dos filhos.

Por isso, uma das atitudes mais marcantes de meu pai foi procurar inserir a mim e a minha irmã em ambientes que nos garantissem educação e aconselhamento da mesma qualidade que ele poderia nos dar. Sabendo que estaria ausente, cuidou para que seus filhos estivessem com pessoas que, mais do que presentes, servissem de referência. E quatro dessas referências foram, em minha infância, praticamente referências paternas:

**Tommaso Cerbasi** , o orientador



Meu pai biológico. Nasceu na Itália e veio para o Brasil ainda pequeno. Após o casamento com minha mãe, Elza, mudaram-se para o Rio Grande do Sul, onde nasci.

Somente quando voltamos para São Paulo foi que meu pai, enfim, cursou a faculdade de administração e começou a assumir posições mais importantes em sua carreira. Mais tarde, eu viria a ouvir muitas histórias do sacrifício

que é crescer na carreira sem estudos, e que a carreira dele só deslanchou realmente depois que ele entrou na faculdade. Em razão dos estudos, conviver com meu pai era um luxo de final de semana.

A despeito da presença rara de meu pai ou limitada a citações intimidadoras de minha mãe (“ah, quando seu pai souber disso...”), ele também sempre foi grande referência para minhas decisões. Desde pequeno, quando eu fazia algo errado, ouvia dele algo como “nas empresas, se você não cumprir o prometido, perderá o emprego”. Esses comentários eram odiosos, pois eu não me imaginava trabalhando “nas empresas” (aliás, até hoje não me imagino). Mas a frequência com que o assunto era abordado me dava uma noção da postura de meu pai em relação ao trabalho. Por sua obstinação, ele era rigoroso nas regras, duro nos argumentos, firme na imposição de suas vontades. Sempre que eu o acompanhava em eventos de negócios, os colegas de trabalho se referiam a ele com termos como xerife, carrasco e tirano, principalmente os subordinados. Ele não era amado por seus colegas de trabalho, mas sim respeitado pela intensidade com que aplicava seus planos e atingia seus objetivos.

Nunca teve grandes luxos, mas o dinheiro nunca lhe faltou. Aposentou-se com a independência financeira garantida, e sabe que, mesmo que viva mais trinta anos, não passará por dificuldades financeiras, pois sabe cuidar do que tem. Mas saber juntar dinheiro não deixa ninguém rico. Mais do que o hábito da poupança, a perseverança e a disciplina, o que aprendi verdadeiramente com meu pai vai muito além das triviais ferramentas lógicas de que precisamos para acumular riquezas.

Acima de tudo, meu pai sempre foi um homem de atitude. Essa foi a grande inspiração. Batalhou para nos garantir dignidade, mas soube reconhecer suas fragilidades e lidar com elas a tempo de evitar que destruíssem a família. Como toda pessoa que trabalha demais, meu pai não pôde estar sempre presente. Por isso, sua maior atitude na fase de pai ausente foi garantir

referências saudáveis para os filhos. Fez isso preservando a família como seu maior patrimônio, e esmerando-se para que seus filhos estivessem sempre em um ambiente socialmente saudável, na companhia de pessoas cujos valores pessoais ele admirava. Por essa atitude de meu pai, estive rodeado de outros grandes homens, que foram muito importantes para mim.

### **Hermenegildo Sgargeta Filho** , o proseador



Ou, simplesmente, tio Gildo. Girdão para os muito íntimos. Meu pai sempre foi bastante apegado aos seis irmãos, todos vivendo no interior de São Paulo. Por isso, a cada duas ou três semanas costumávamos viajar para Itupeva, onde ficava a Fazenda Pinheiro. Lá, viviam e trabalhavam meus tios Hermenegildo e Teresa, irmã de meu pai.

Imagine uma pessoa incrivelmente cativante e agradável. Tio Gildo era zootécnico de formação e apaixonado pela profissão. Adorava compartilhar com quem quer que fosse as descobertas de suas pesquisas. Ao tio Gildo nunca faltava assunto, nem uma boa piada. Hoje, digo que sou ruim para contar piadas porque todo o humor de que precisei em minha infância eu obtive dele. Ele foi, simplesmente, o melhor proseador que já existiu. Debatia e fazia piada de tudo: governo, trabalho dos outros, ingenuidade das crianças, saúde, carros, televisão, o que quer que fosse. Quanto mais entendia de um assunto, mais sério era o debate. Quanto menos entendia, mais cínica era a piada.

— Copa do Mundo? E eu lá quero ver 22 marmanjos se agarrando e brigando por uma bola?

Tio Gildo deve ser um dos responsáveis pelo meu desinteresse quase que absoluto pelo futebol.

Ele era homem dos tradicionais. Nas refeições em sua casa, sentava-se sempre à cabeceira da mesa, e convidava os homens presentes a se sentarem próximos a ele. Apesar de as mulheres ficarem mais distantes, eram frequentemente convidadas a interromperem suas conversas para ouvir uma piada. “Elza, ouve essa...”, como se a piada fosse dirigida para minha mãe. Nesses momentos, a atenção de todos à mesa se voltava para sua voz potente e a sua deliciosa narrativa.

A vida era típica da fazenda. A Fazenda Pinheiro era certamente a mais bonita de Itupeva, incrivelmente charmosa e rústica, amada por crianças e adultos. Cultivava-se de tudo por lá, incluindo café, milho, abóboras, cogumelos, e criavam-se gado leiteiro e porcos. Havia também um rústico engenho de pinga.

Em meio à lida diária, tio Gildo estava sempre por perto, sempre ensinando alguma lição, fazendo alguma piada, criando um momento inesquecível ou, simplesmente, contando comigo como companhia enquanto tocava a rotina da fazenda. Nesse papel de ajudante informal, andei muito de trator e de charrete, experimentei muitos alimentos que não conhecia, ajudei a selar cavalos, espetei o dedo em diferentes espinhos, segurei porquinhos e pintinhos nas mãos e fui picado e mordido por uma infinidade de bichos.

Enfim, na fazenda fui uma criança mais saudável do que qualquer um de meus amigos. Sempre tímido, quieto e bom ouvinte, aprendi muito com a riqueza da vida no campo. O tempo passou, meus tios se mudaram, a fazenda foi vendida e loteada, mas até hoje as conversas entre os primos sobre os tempos da Fazenda Pinheiro fazem os olhos marejar. Éramos felizes, e sabíamos muito bem disso. Na verdade, éramos verdadeiramente ricos. Impossível esquecer o que aprendi nessa época.

**Bronius Petrasunas** , o bom caráter



Meu avô materno. Moramos no porão da casa dele pouco depois do nascimento de minha irmã, enquanto nossa casa era reformada. Porão mesmo, dois cômodos, banheiro só no quintal. Em um cômodo havia uma pia, armários e uma mesinha, no outro a cama de meus pais e o berço de minha irmã. Uma experiência e tanto do que é viver de maneira simples.

Seo Bruno, para os íntimos, casado com minha avó Veronica, nasceu em Vilnius, capital da Lituânia, em 1910 e viveu até 2001. Nunca acumulou dinheiro, nunca teve fortuna. Mas, também, nunca precisou. Era uma pessoa extremamente simples.

Pense em uma pessoa pacata e tranquila. Ele era mais que isso. Meu avô Bruno era o exemplo de bom ser humano. Não brigava, não reclamava. Era simpático e cortês com todos, extremamente gentil com as mulheres. Vivia impecavelmente elegante, apesar de as peças de seu guarda-roupa terem uma vida útil média superior a 15 anos. Nunca estava com pressa, não sei se por hábito ou como reação à correria alheia, mas não se sentia mal por isso. Sempre convidava as pessoas a “ficarem mais um pouco, para que a pressa em ir embora?”.

Adorava quando ele ia me buscar na escolinha com seu fusquinha 1969 cor de café com leite. Toda vez que me encontrava, ele me dava uma balinha de framboesa. Até hoje, as balinhas 7 Belo trazem para mim a lembrança de meu avô.

Era de pouco falar e muito escutar. Uma pessoa realmente agradável para todos com quem convivia. Herdei grande parte das características da personalidade dele. Digo “herdei” porque, quando vejo meu filho, que não o

conheceu, reconheço características muito marcantes de meu avô. A genética lituana manteve-se bem-preserveda por pelo menos três gerações.

Acredito que a grande admiração que sempre senti pelo vô Bruno se deve a dois fatores. Primeiro, por sua dignidade — meu avô Bruno jamais perdia o respeito por qualquer pessoa e sua atitude fazia com que, por sua vez, nunca fosse desrespeitado. O segundo fator que explica a admiração é a empatia propriamente dita. Eu via no meu avô um modelo a ser seguido. Era exatamente o que eu sentia pelo meu tio Gildo. Se eu ficasse em dúvida quanto à correção ou não de uma atitude minha, pensava comigo: “Se meu avô estivesse no meu lugar, como agiria?”

Vô Bruno foi, portanto, um pai que não se esforçou em ensinar lições ou em aplicar sermões. Ele ensinava naturalmente, pelo exemplo, pela atitude, pela simpatia.

No final dos anos 1990, quando eu estava para concluir a faculdade, vô Bruno já tinha dificuldades para se lembrar das pessoas, passava a maior parte do tempo na cama, sofria com a dificuldade para andar e para se alimentar. Um dos momentos que, para mim, representaram fortemente a despedida de meu avô antes de morrer aconteceu em um dia em que eu já lavava meu próprio carro, sozinho, em frente a sua casa. Quando eu me encontrava ensopado de sabão da lavagem que estava para concluir, olhei para o lado e me assustei ao ver meu avô, caminhando de dentro da garagem em minha direção com muita dificuldade. Devia ter perdido pelo menos uns dez minutos caminhando da cozinha para a rua, descendo dois lances perigosos de uma escada em curva, agarrando com as duas mãos o corrimão. Ele olhou para mim, colocou a mão no bolso e tirou de lá, educadamente, uma fatia do alimento que ele considerava ideal para receber seus convidados:

— O senhor quer um pedacinho de *salsichón* ?

Percebi que estava perdendo meu avô. Em respeito, peguei a fatia e comi, mesmo coberta com restos de fios de algodão e de outras sujeiras acumuladas no bolso daquela calça tão surrada, além do sabão de meus dedos. Era o mínimo que podia fazer por ele, que partiu poucos meses depois.

### **Paulo Ramos Filho** , o enérgico



Paulão foi técnico da equipe de natação do Clube Atlético Juventus entre 1987 e 1990, nasceu em São Paulo em 1960. Eu o conheci quando ele estava começando a carreira, recém-formado em Educação Física. Não tinha muita experiência em natação, mas entendia de condicionamento físico e da cabeça dos adolescentes.

Seu estilo era do tipo enérgico, intenso. Como bom técnico, não raro a comunicação era aos gritos. “Parem de falar enquanto correm”, “isso aí é um alongamento ou uma dança do ventre?”, “vocês vieram para treinar ou para brincar?” eram algumas das mais frequentes exclamações, geralmente acompanhadas de uma palavra de estímulo, como um palavrão.

Lembro-me de algumas de suas palavras carinhosas antes de eu me dirigir a um revezamento gigante, formado por quarenta atletas:

— Bicho, você vai ser o segundo a cair na água, e esse mundo de gente pode se dar bem ou se dar mal, dependendo de como você vai entregar a prova para eles. Então, cai na água e se mata, dá o sangue, faz o seu melhor, nem que seja para sair vomitando. Não me decepciona!

Subi apavorado na baliza, tremendo mas também fervendo por dentro, e o resultado... Bati meu melhor tempo com ampla margem, mesmo tendo

perdido a touca e enchido meus óculos de água logo na largada!

Quando subi à arquibancada, entendi o significado de toda aquela agressividade do Paulão. Ele fez questão de abraçar forte e com um amplo sorriso cada atleta que foi bem (incluindo eu), mas também soube criticar e apontar os erros de cada atleta que não soube dar seu melhor. Ao final da competição, cumprimentava cada pai de atleta, usando palavras de estímulo tanto para os filhos quanto para os pais que se esforçavam em passar uma manhã de sábado sob o sol, acompanhando a competição. Aquilo era fascinante!

Antes de cada treino, ele explicava qual tipo de exercício de alongamento, musculação ou aeróbico seria feito, e por que seria feito. Acompanhava cada atleta de perto, parando um ou outro para aferir os batimentos cardíacos. Fazia alongamentos junto conosco. Servia de modelo para explicar a postura correta na musculação. Nos dias de relaxamento, jogava vôlei ou futebol com os atletas, suave e se divertia junto. Quando um ou dois atletas fugiam do esquema de treinamento ou mostravam-se sem entusiasmo, aí sim o Paulão dava vida a sua potente voz cavernosa, acompanhada de veias jugulares extremamente saltadas e ameaçadores olhos azuis arregalados que causavam pesadelos.

Resumindo, Paulão era duro quando precisava educar, mas um grande companheiro quando era hora de comemorar. Um técnico de verdade. Ou, na prática, um segundo pai para quem não podia contar com a orientação paterna todos os dias. No meu caso, era um quarto pai, pelo fato de ter surgido em minha vida depois dos outros três, mas não menos importante do que os demais.

Mais do que exigir disciplina nos treinos, ele também acompanhava as notas escolares, brigava feio com os atletas que iam mal nos estudos, cobrava boa alimentação e impunha uma rotina quase que militar aos atletas. Não seria muito, não fosse o fato de que os cerca de quarenta atletas da

equipe estavam na faixa entre 12 e 16 anos de idade, o núcleo da adolescência.

Enquanto víamos amigos de infância viciarem-se na bebida, no cigarro e outras drogas, vivi em um ambiente em que até refrigerante era proibido e chocolate era controlado. Enquanto, nas escolas, ouvíamos falar de conflitos entre pais e filhos, os atletas e os pais formavam uma só família nas competições de finais de semana. Nossos colegas de classe elaboravam esquemas complexos para driblar as restrições dos pais e conseguir ir às baladas em casas noturnas. Nós, atletas, terminávamos os treinos exaustos, às 8 da noite, e mal conseguíamos aguentar o jantar antes de cairmos na cama às 9 horas.

A vida em equipe não era só privações. Paulão se preocupava em manter o astral de seus atletas em alta e também em manter o grupo unido. Para isso, frequentemente criava atividades de integração, incluindo acampamentos, eventos de confraternização com outros clubes e churrascadas em que as famílias se reuniam. Esse aspecto da reunião familiar era tão intenso que considero muitos pais e mães de atletas como alguns de meus grandes amigos da adolescência. Os atletas que estavam na mesma categoria que eu são mais que amigos; são meus irmãos, sempre presentes nos lançamentos de meus livros, nas festas de família e nos nascimentos de meus filhos. Nem meus amigos mais antigos, nem as melhores amizades que fiz no meio profissional se equiparam à intimidade que tive na intensa adolescência como nadador.

Foi assim que, com disciplina e imposição de regras que nem nossos pais conseguiriam nos obrigar a seguir, mas também com uma motivação inabalável pelo esporte e pelo espírito de equipe, Paulão construiu uma grande família em que ele é o patriarca.

Acredito que prosperei cedo porque tive a felicidade de conseguir digerir ainda jovem os ensinamentos que meus pais me deram, e também porque tive

a oportunidade de colocá-los em prática. Essa constatação me tranquiliza, pois não consigo imaginar um lugar do planeta em que não existam pessoas do bem desejando o melhor para seus filhos. Talvez essas pessoas não consigam criar prosperidade a seu redor porque ignoram o poder que está por trás, por exemplo, de estimular uma criança a ler ou de simplesmente incentivá-la a fazer o dever de casa com capricho. Ignoram que os erros cometidos podem trazer ótimas lições, que, se não puderem ser aproveitadas para corrigi-los, no mínimo servirão de grande ensinamento para seus filhos e netos.

Na prática, ter convivido com vários pais bastante dedicados a me orientar me deu a oportunidade de ter mais de um ponto de vista sobre o que é oportuno e o que não é para eu buscar ser uma pessoa melhor. Não ousou dizer que aprendi a diferenciar o certo do errado, porque esses são conceitos raramente unânimes. Mas sinto que aprendi a colecionar acertos e a aprender com erros, quando muitos insistem em jogar a toalha diante de qualquer obstáculo. Eu acredito que você também tenha grandes ensinamentos latentes em sua memória, mas talvez ainda não tenha se dado a oportunidade de parar, se organizar e pensar em como aproveitar alguns deles para criar novos mecanismos de prosperidade em sua vida.

Por exemplo, independentemente de quem tenham sido as figuras com papel paterno ou materno em sua vida, inevitavelmente você conviveu com adultos que passaram bons exemplos, e também com adultos que cometeram erros e deixaram lições do que não se deve fazer. Seria natural que essas referências e lições nos servissem de base para termos uma vida bem melhor do que a que as gerações passadas tiveram.

Entretanto, vivemos em uma cultura em que, aparentemente, erros são repetidos geração após geração, principalmente nos assuntos da riqueza e da prosperidade. Há gerações os brasileiros são endividados, mesmo convivendo com juros elevados. Há mais de meio século contamos com a

proteção do governo no nosso futuro, mesmo sabendo que a conta da previdência social não fechará. Como nossos pais, insistimos em realizar compras parceladas, mesmo sabendo que esse é um caminho rápido para perder o controle e sujar o nome. É como se resistíssemos a aprender.

Na verdade, o aprendizado existe na teoria, mas resistimos a praticá-lo. Provavelmente, porque a correria da vida moderna não nos permite parar para refletir ou para testar novos caminhos. Preferimos manter as coisas como estão, a correr o risco de sofrer com uma mudança que pode não dar certo. A isso é que se dá o nome de zona de conforto.

Meu papel é mostrar a você, leitor, que a saída da zona de conforto pode lhe trazer bons resultados e pavimentar um caminho de mais prosperidade em sua vida. Ao escrever sobre conselhos que recebi de meus pais, não pretendo transferi-los diretamente a você. Afinal, foram bons conselhos porque vieram de pessoas que me conheciam muito bem, e foram bem-recebidos porque eu conhecia muito bem cada aconselhador. Neste livro, explico como bons conselhos foram transformados em acertos e me ajudaram a prosperar, em todos os sentidos. Transformo esses conselhos em regras que, acredito, você também conseguirá colocar em prática para ter uma vida melhor.

Não tenho dúvidas de que os conselhos e as escolhas de meu pai, Tommaso, foram determinantes para que eu tenha conquistado uma vida realmente rica. Não tenho dúvidas também de que as escolhas que ele, juntamente com minha mãe, fez para os filhos foram fundamentais para sermos bem-sucedidos em nossas carreiras e estarmos bem tanto financeira quanto emocionalmente. É desses conselhos e dos conselhos decorrentes das escolhas que eu trato agora.



*Um pouco de autobiografia e o Bom Conselho Número 1, de Tommaso Cerbasi*

## Estude

Sem estudo, ninguém chega a lugar algum

NASCIDO EM PICERNO , na província de Potenza, Itália, em 7 de março de 1944, meu pai embarcou em um navio para o Brasil em 1951 com seus pais e seis irmãos em busca de uma vida melhor. Destino: a cidade de Americana, São Paulo, onde meu avô Antonio escolheu trabalhar na Fazenda Olho D'Água, para sustentar a família. Já estavam acostumados a viver da roça na colina de Picerno, o que facilitou a adaptação a essas terras.

As economias da família, levantadas com a venda da propriedade na terra natal, não duraram muito tempo. Vô Antonio emprestou tudo para obter ganhos com juros, e tomou um calote de todos os oportunistas. Dizem que, na época, o dinheiro era suficiente para comprar 25% das terras do município de Americana. Tiveram que recomeçar, portanto, da estaca zero.

Meu pai viveu uma infância simples, sem direito a luxos. Sua diversão favorita em Picerno era um pé de figo com um balanço, no qual gostava de se pendurar e balançar. As histórias que ele sempre conta sobre sua infância relatam traquinagens com os irmãos e os familiares mais velhos. Aprontava tanto que, aos 9 anos de idade, foi matriculado por seu pai em um internato em Campinas. Passou a ver a família apenas uma vez ao ano, mas não deixou de se divertir com seus colegas de infância, todos da escola. Nos anos

seguintes, continuou estudando em internatos, em quatro diferentes cidades: Campinas, São Paulo, Pindamonhangaba e Lavrinhas, sempre longe de casa.

Voltou a Americana aos 17 anos, para trabalhar na roça, ajudando o pai a cultivar milho e outras culturas que abasteciam a família. Logo percebeu que aquilo não era para ele, e então rumou de volta à metrópole para tentar fazer a vida. Foi o primeiro e único Cerbasi de sua geração a se estabelecer em São Paulo. Os tempos eram difíceis nos primeiros anos, pois meu pai nunca pôde ter ajuda financeira da família. Morava em cortiços, andava quilômetros a pé diariamente para ir ao trabalho, continuava sem condições de ter muito conforto, mas desde cedo adotou o hábito de poupar regularmente para realizar seus vários objetivos pessoais.

Conheceu minha mãe, Elza, na empresa em que ambos trabalhavam, no centro de São Paulo. Casaram-se em 1969, em uma cerimônia à sombra de uma seringueira, no sítio de meus avós em Americana, com o que pode haver de mais importante em uma grande celebração: a família toda reunida.

O cenário foi de novela de época. Meu tio Gildo veio buscar os noivos em São Paulo, em um elegante Chevrolet 1959, para conduzi-los ao local da festa: o jardim do sítio da família, que havia sido aplainado pelas enxadas dos irmãos do meu pai para receber uma grande mesa. O pomposo e rústico cardápio era composto por um boi abatido na véspera, vinho caseiro de garrafão e quitutes preparados pelas convidadas — basicamente, receitas tradicionais italianas, como *focaccias*, *tarallos*, *taralluccios*, pastel doce de grão-de-bico, *fusili*, *gnocchi*, *spaghetti*, costelinha de porco e frango abatido. O máximo de requinte que a rica vida simples permitia.

Logo que se casaram, mudaram-se para o Rio Grande do Sul, onde surgiu uma oportunidade de bom emprego para meu pai. Dedicado ao trabalho e preocupado em garantir uma vida digna, com um conforto que não teve na infância, meu pai nunca mediu esforços para alcançar metas ousadas. Um deles foi assumir um trabalho longe de sua família, em uma terra em que não

tinha amigos, com todo o isolamento imposto por uma época em que fazer uma chamada telefônica a distância era um evento para se marcar na agenda e provisionar no orçamento.

Era o primeiro de muitos sacrifícios dedicados à carreira e à busca de conforto para a família. Sacrifícios que nos fizeram sentir sua falta, mas que eram justificados pela dificuldade que meu pai teve de se dedicar a estudos e cursos de especialização ainda jovem. Até então, enquanto eu era criança, não percebia nenhum conselho ou ensinamento no sacrifício de meu pai.

Desde pequeno, nunca precisei estudar muito para ir bem na escola. Na quarta série do primário, todas as minhas notas foram A, em todas as disciplinas, em todos os bimestres. Fui tirar minha primeira nota vermelha em História, no último bimestre do último ano escolar, quando já sabia que tinha passado em dois vestibulares e não precisaria estudar mais. Apesar desse mérito todo, nunca me achei um gênio ou uma pessoa com capacidades especiais.

Credito todo o mérito de meu desempenho escolar aos cuidados que minha mãe teve, desde cedo, em acompanhar-me enquanto fazia as lições de casa, cobrando uma boa caligrafia, lendo para mim e exemplificando o que eu não entendia nas leituras. Esse zelo de minha mãe acabou automatizando o hábito de chegar da escola, almoçar e já sentar para fazer as lições de casa, com o objetivo de fazer a obrigação antes e ter todo o tempo restante para a diversão.

Eu não gostava de estudar. Gostava mesmo era de brincar. Por isso, esforçava-me em ir bem na escola para ter mais tempo livre para as brincadeiras. Confesso, adorava os dias em que andava de bicicleta sozinho, pelo simples fato de que meus amigos estavam fechados em casa, desesperados, estudando para provas no dia seguinte. Era quase uma vingança: meu apelido era Lesma, por ser menos ativo que meus amigos, mas eu brincava o ano todo, enquanto os demais tinham períodos de castigo.

Toda vez que eu lia a fábula do Coelho e da Tartaruga, me via no lugar do quelônio vitorioso.

Minha técnica para ser bom aluno era simples e consciente. Consistia em respeitar o professor, devorando seus conhecimentos durante a aula, não deixando passar uma dúvida sem ser questionada. Era comum meus professores terminarem uma explicação e, para se certificarem de que haviam sido eficazes, perguntarem:

— Pessoal, alguma dúvida? Gustavo, você tem alguma pergunta?

Eu adorava isso. Quando chegava em casa para fazer as lições, já sabia o que deveria ser feito, não perdia muito tempo. Obviamente, sempre procurava fazer as lições no mesmo dia em que eram pedidas, e não na véspera da próxima aula. Isso ajudava a reter o conteúdo em meu cérebro. Se encontrava alguma explicação ou exercício mais complexos, assinalava no caderno ou anotava em uma folha-resumo. Na semana de provas, bastava ler as anotações e refazer os exercícios que eu havia assinalado como difíceis.

Com essa facilidade para os estudos, foi simples conciliar a vida de nadador com a de estudante. Quando estava no primeiro grau (atual ensino fundamental), no Externato Nossa Senhora Menina, na Mooca, em alguns períodos do ano mal dava tempo para estudar para as provas. Acordava às 4h30, ia para o treino, tomava café da manhã na padaria e ia para a escola. Chegava em casa para o almoço, assistia televisão por cerca de meia hora, fazia a lição de casa e já saía de casa por volta das 16h. Caminhava durante meia hora até o clube. Conversava e jogava bola com os colegas de equipe por mais meia hora, e depois entrava para um treino de três horas. Voltava de carona para casa, jantava e já estava sonhando por volta das 21h30.

Mesmo assim, ia bem nas provas e era tido como um gênio. Enquanto meus colegas de classe tinham olheiras de tanto estudar de madrugada, eu tinha a marca do óculos de natação sobre o rosto bronzeado (meu melhor estilo era

o nado costas). Nunca fui o melhor aluno da escola, mas era admirado por estar entre os primeiros sem ter fama de CDF. Quanto mais meus colegas expunham sua admiração, mais crescia minha autoconfiança.

Autoconfiança! Esse foi o resultado que obtive com o conhecimento. Se autoconfiança fosse a fogueira, meu pai era a lenha. Por mais que ele acompanhasse meus estudos a uma distância maior do que minha mãe, sua marcação sobre o boletim escolar era cerrada. Quase como um torcedor, sabia o dia em que eu deveria receber o boletim e levá-lo para casa. Mal chegava em casa e já perguntava:

— E aí, filhote? Como foram as notas?

Confirmadas suas expectativas, saía alardeando para amigos, parentes e colegas de trabalho o sucesso do filho. Ele era mesmo um torcedor — até hoje é assim. Nas raras vezes em que eu ligava para a empresa em que ele trabalhava, era recebido com congratulações pela secretária ou por quem quer que atendesse a chamada. Esse orgulho só aumentava a cobrança por resultados, pois cada bimestre escolar criava novas expectativas, mas os assuntos a estudar iam ficando cada vez mais complexos.

Quando terminei o ensino fundamental, prestei vestibulinho para o Colégio Anglo Latino, considerado uma boa escola. Fui bem e recebi uma bolsa de estudos de 80% do valor do curso. Parecia sensato estudar lá, com tamanho desconto. Mas a opinião de meu pai era diferente. No Externato Nossa Senhora Menina, onde eu estudava, havia um consenso entre professores e coordenadores de que a melhor escola de toda a região era o Colégio Agostiniano Mendel, no Tatuapé. Além de caro para nosso padrão de vida, tinha fama de ter uma rotina quase militar, com regras rígidas, simulações de vestibular frequentes, pressão por notas altas e padrão de ensino considerado dos mais exigentes.

Para meu pai, o objetivo não era que seus filhos estudassem na escola em que tivéssemos maior desconto, mas sim na melhor escola. Cara para a renda

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Os dez bons conselhos de meu pai" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).